



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

INTOLERÂNCIA RELIGIOSA EM SALVADOR DA BAHIA – O VIS-À-VIS ENTRE AS IGREJAS NEOPENTECOSTAIS E AS RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA

Serge Péchiné

Doutorando em Ciências Sociais e em co-tutela

Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais/Universidade Federal da Bahia

Centre d'Etudes Interdisciplinaires des Faits Religieux/EHESS-Paris

sergepechine@hotmail.com

Introdução

O Brasil conheceu durante o século XX uma metamorfose da sua paisagem religiosa. Deslocando sensivelmente as rivalidades, esta situação faz nascerem confrontações entre religiões. A Salvador de Bahia, conflitos inscrevem-se no imaginário simbólico de movimentos religiosos neopentecostais que seguem a “Teologia da Batalha Espiritual”. Nasce da Igreja Universal do Reino de Deus acusações de bruxaria para com o Candomblé, seguindo sua missão principal “de cruzada contra o diabo”.

Adquirir um melhor conhecimento da natureza dos conflitos ligados à pluralidade religiosa apresenta uma pertinência ao mesmo tempo científica e social. Análises de conflitos sociais que comportam uma dimensão cultural podem mostrar como se desenvolvem relações de poder, mas também possibilidades de negociação, de reconhecimento e mesmo socialização. Pode-se estudar como a componente religiosa das identidades é solicitada como incentivo de diferenciação e se relaciona de maneira diversa às outras dimensões da identidade e a ação. Pode-se também ser atento à maneira como atores podem mobilizar a religião de maneira utilitarista para aceder à espaços de liberdade ou de reivindicação, como um recurso entre outros.

O mundo social é ao mesmo tempo o produto e o desafio de lutas simbólicas, para o conhecimento e o reconhecimento, em qual cada um prossegue não somente a imposição de uma representação vantajosa de si, como as estratégias “de apresentação de si” magnificamente analisadas por Goffman, mas também o poder de impor como legítimos os princípios de construção da realidade social mais favorável ao seu ser social individual e coletivo, bem como a acumulação de um capital simbólico de reconhecimento. Estas lutas se desenrolam ao mesmo tempo na ordem da existência



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

diária e dentro dos campos de produção cultural que, mesmo se não são muito voltados para este único fim, como o campo político, contribuem para a produção e a imposição de princípios de construção e avaliação da realidade social. Assim sendo, a ação do sujeito enquanto ator social define-se a partir duma série de parâmetros (discursos, gestos, olhares, posicionamentos, rotinas), nem sempre assumidos de forma consciente, que têm em vista produzir e/ou consolidar uma imagem de si, insuflando um determinado sentido à interação.

Atualizando uma forma de maniqueísmo radical com leitura feiticista, a controvérsia, fiéis neopentecostais/adeptos de religiões de matriz africana tem a particularidade que parece anunciar um modo de coabitação destas duas religiões. A Universal alimenta mutuamente um processo de criação de identidade na adversidade, de acordo com o princípio: “Eu te ataco, por conseguinte tu existes”. Com efeito, quando a Universal acusa o Candomblé de práticas demoníacas, a primeira verdade avançada por este discurso, antes mesmo “os orixás são demônios”, é “os orixás existem”. Assim, a igreja que exorciza os demônios que se esconderiam sob o manto de divindades do candomblé tem necessidade da existência de cultos que veneram estas mesmas divindades. E, à força de lutar contra o outro adotando as suas próprias armas, as Igrejas neopentecostais terminam, por conseguinte por copiar certos traços de práticas rituais que estigmatizam e de confortar assim nas suas existências os demônios que convocam e perseguem.

A cruzada neopentecostais constitui, sobretudo uma crítica dirigida para as religiões de Matriz africana e ela faz entrar sem diferença todos os indivíduos neste painel de leitura feiticista onde a violência não é o fato do azar, nem diretamente de um indivíduo, mas do demônio que tomou posse dele. A idéia avançada nesta controvérsia é de fato o reconhecimento antes que a denegação, visto que o combate contra alguém é uma forma de integração. A controvérsia que estudamos deverá contribuir para compreender a transformação concreta dos fundamentos da vida em sociedade provocada por uma expansão do esquema perseguidor próprio ao neopentecostalismo e as suas Igrejas de “libertação” ou de “descarrego”.

"Xô Satanás".



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

"Xô Satanás". Ouvindo esta injunção, poderíamos pensar que estamos numa época longínqua quando a demonologia estava de rigor, por exemplo em 1487 quando o livro *Malleus Malificarum - O Martelo das Feiticeiras*¹ - foi publicado e cujo os autores fundamentavam as premissas do livro com base na bula *Summis desiderantes*, emitida pelo Papa Inocêncio VIII em 5 de dezembro de 1484, o principal documento papal sobre a bruxaria. Portanto, é nestes termos que hoje no Brasil inteiro, segmentos das igrejas neopentecostais alimentam o conflito para com os espaços de cultos das religiões de matriz africana para perturbar os rituais e seus adeptos. É esses termos “fora satanás” que os testemunhos ouviram no caso emblemático de intolerância religiosa de Ilheus. Conforme a denuncia encaminhada ao Ministério Público do Estado da Bahia, no dia 23 de outubro de 2010, trabalhadores do Assentamento de Reforma Agrária D. Helder Câmara, em Ilhéus/BA, foram surpreendidos por uma ação de policias militares fortemente armados em área federal e sem ordem judicial, que invadiram o assentamento e ameaçaram os assentados, aterrorizaram homens, mulheres e crianças e cometeram contra a sacerdotisa e coordenadora do assentamento Bernadete Souza, atos de tortura e uma seqüência de atos de racismo, violência física, psíquica e moral contra a mulher, além de intolerância religiosa. Durante ação policial, o orixá Oxossi incorporou a sacerdotisa que algemada foi colocada e mantida pelos PMs num formigueiro onde foi atacada por milhares de formigas provocando graves lesões, enquanto os PMs gritavam que as formigas eram para “afastar satanás”. Enquanto Bernadete (Oxossi) algemada, era arrastada pelos cabelos por quase 500 metros e em seguida jogada na viatura, os policiais numa clara demonstração de racismo e intolerância religiosa, gritavam “fora satanás”! Na delegacia da Polícia Civil, Bernadete ainda incorporada bastante machucada foi colocada algemada em uma cela onde havia homens, enquanto policias riam e ironizavam que tinham chicote para afastar “satanás”. Os policias militares registraram na delegacia que a manifestação dos orixás na sacerdotisa Bernadete se tratava de insanidade mental. Esse caso nos remete aos

¹ O Martelo das Bruxas ou O Martelo das Feiticeiras (título original em latim: *Malleus Maleficarum*) é uma obra que foi compilado e escrito por dois inquisidores dominicanos, Heinrich Kraemer e James Sprenger e publicado em 1487, dividindo-se em três partes: a primeira ensinava os juízes a reconhecerem as bruxas em seus múltiplos disfarces e atitudes; a segunda expunha todos os tipos de malefícios, classificando-os e explicando-os; e a terceira regrava as formalidades para agir “legalmente” contra as bruxas, demonstrando como inquiri-las e condená-las.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

preconceitos que ainda hoje perpassam o cotidiano de muitos afro-descendentes e que levaram representantes e protetores das leis a demonizar crenças de outros assim como considerar que manifestações de entidades são signos de insanidade mental. Isto fez lembrar a muitos candomblecistas as chamadas “batidas de policiais” contra cultos afro-brasileiros quando o delegado Pedro Azevedo Gordilho, chamado Pedrito atuava em Salvador entre 1920 e 1926².

São atualmente as igrejas neopentecostais, principalmente a Igreja Universal do Reino de Deus, que acusam os cultos afro-brasileiros de praticar a demonolatria. Não poderíamos antes dizer que são os neopentecostais que praticam a demonomania ou são demonopata, à procura sem trégua de demônios? Estes cultos de possessão que eles demonizam são talvez os que ameaçam mais no mercado de bens simbólicos. Acusar de demoníacas outras religiões serve ainda aqui ao estabelecimento de uma nova religião e a sua ortodoxia assim como Max Weber o sublinhou: “No caso de repressão de um culto por um poder secular ou sacerdotal em prol de uma nova religião, os antigos Deus continuam a existir como *demônios*”.

A associação entre os orixás e a figura do diabo e dos demônios é talvez um dos aspectos mais evidentes da discriminação sofrida pelos negros no Brasil. A negação do direito à prática de rituais comuns à África durante o período da escravidão evoluiu, após a abolição, para a construção de uma imagem maligna dos cultos praticados nos terreiros. Estes cultos frequentemente são apontados como pratica da magia preta que visaria atingir o seu próximo. A intolerância que essas religiões sofrem há muito tempo caracteriza-se de múltiplas maneiras. Terão que esperar o dia 15 de janeiro de 1976, resultado da mobilização dos adeptos de religiões de matrizes africanas, para que o governador do estado da Bahia de então, Roberto Figueira Santos, assina a Lei 25.095 que nesses termos decreta que: "As sociedades que pratiquem o culto afro-brasileiro, como forma exterior da religião que professam, que assim podem exercitar o seu culto, independentemente de registro, pagamento de taxa ou obtenção de licença junto a autoridades policiais". (BRAGA, 1995, p. 180)

² Ver LÜHNING, Ângela. “Acabe com esse santo, Pedrito vem aí...” Mito e realidade da perseguição ao candomblé baiano entre 1920 a 1942. *Revista USP*. n. 28. p. 194-220. 1995-1996.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Esta intolerância religiosa, cavalo de batalha do racismo, é feito para acentuar a distância entre um grupo determinado e aqueles que vêm como oponentes. O processo que resulta desta relação é uma simplificação sempre abusiva e discriminante. Por trás da intolerância religiosa, há sempre um forte componente de disputa de poder. Em verdade, a intolerância religiosa amalgama-se à intolerância política, cultural, étnica e sexual. Está presente no cotidiano dos indivíduos: no ambiente do espaço doméstico, no trabalho, nos espaços privados e públicos. Assume formas subtis de violência simbólica e manifestações extremas de ódio, envolvendo todas as esferas das relações humanas. A intolerância é, por conseguinte, uma das formas de opressão de indivíduos em geral fragilizados pela sua condição econômica, cultural, religiosa, étnica e sexual. Surpreendemo-nos frequentemente descobrir a nossa própria intolerância.

Fala-se frequentemente de "guerra santa". Certamente, a palavra é ligeiramente forte, mas é para assinalar o que poderia e o que aconteceria quando se deixa destruir assim as bases da democracia. O proselitismo do IURD tem por tema principal o combate contra as forças do mal. A prática do exorcismo e a expulsão dos demônios, identificados às entidades e os orixás que pertencem aos cultos de possessão tem um lugar central. Como observaram os que estudaram de mais perto estes movimentos religiosos como V. Boyer, P. Birman e R. Mariano, entre outros, a ironia é que no ardor a combater o umbanda, o candomblé, o espiritismo e o catolicismo, a Universal justifica a experiência religiosa destas religiões e acaba ela mesma incorporando elementos da fé, da lógica e da visão do mundo do inimigo. É sem dúvida o que fará dizer a A. P. Oro (2006, p. 320) que estamos em presença de uma igreja neopentecostal "macumbeira", cuja uma das suas características é "sua "religiofagia", em que ela se apropria e reelabora elementos de crenças de outras igrejas e religiões". Por sua parte, R. de Almeida (2003, p. 341), referindo-se à esta mesma igreja dizia que "no seu processo de constituição, elaborou, pela guerra, uma antropofagia da fé inimiga".

É assim que E. Macedo insere-se assim numa linha teológica que se amplifica mundialmente e que foi identificada como a "Teologia da Batalha Espiritual" junta à



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

"teologia da Prosperidade"³. Estamos defronte de uma forma de fundamentalismo cristão quando certas igrejas evangélicas pregam a discriminação, a intolerância e o ódio, diabolizando tudo que faz referência a religião concorrente e se usando de passagem da bíblia. De acordo com os diversos especialistas que estudaram o neopentecostalismo, resulta que este movimento extrai abundantemente nas representações locais para reformulá-las. Os males dos fieis dessas igrejas são muitas vezes atribuídos as supostas ações das entidades que são celebradas nos cultos das religiões afros. De certa maneira, o neopentecostalismo e o IURD especialmente reconhecem certa legitimidade a estes cultos.

Quem não viu os rituais de exorcismo nos templos e catedral da IURD ou nos canais da Rede Record não imagina a qual ponto é uma visão do inferno que se apresenta. É uma verdadeira lavagem cerebral. Pastores e fieis gritam "queima, queima" como se era o diabo que tinha que se inflamar. Durante estas sessões onde os *soi-disant* espíritos malignos são intimados se manifestar para ser controlados, estes são associados facilmente a comportamentos transgressores. O pentecostalismo se oferece como capaz de manipular estas forças para acelerar a vinda do Reino de Deus. "Pretende opor às "forças do mal" as "forças do bem", as forças de um poder infinitamente superior, um "Potência do Espírito" colocada ao serviço dos que são perseguidos pelas "forças do mal". É preciso considerar que o pentecostalismo, ao transformar as entidades e os espíritos em diabos, exige dos conversos um rompimento com estas no sentido de desenraizá-los de si, ao invés de mantê-los como parte das suas identidades construídas localmente.

A feitiçaria nos tempos neopentecostais

"Fetichismo" não é uma expressão inocente. Inventada, mas sobretudo reinventada no fim de uma intolerância e de uma incompreensão (Marcel

³ cf Cecília Loreto Mariz. A Teologia da Guerra Espiritual: Uma revisão da bibliografia. Disponível em: <http://www.naya.org.ar/congresos/contenido/religion/18.htm>



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Mauss o chamou “um mal-entendido”⁴), resume a história dos nossos prejuízos em relação as civilizações situadas além da nossa indulgência⁵.

O estudo da noção de fetiche com os primeiros contatos dos portugueses com os povos africanos e a partir dos textos de viajantes protestantes revela que emergiu uma representação dos usos e costumes do outro com o qual os intelectuais do iluminismo forjaram as suas elaborações que vão até uma teoria geral das religiões primitivas que seria o feiticismo.

Como se pergunta P. Birman (2009), “o que está acontecendo com o emprego da feitiçaria nestes tempos pentecostais”. A palavra pentecostal na enunciação de atos de feitiçaria aparentemente tem falado mais alto e com mais vigor do que quaisquer outras nos tempos atuais. Tudo indica que acusações de feitiçaria têm circulado principalmente nos lugares onde se mostra acentuado o combate pentecostal ao mal diabólico. Os evangélicos, no cotidiano, através de menções à feitiçaria, cuja origem estaria nos cultos afro-brasileiros, denunciam crimes nefandos e atos de barbárie, provocando horror e estarrecimento nos seus ouvintes em igrejas, rádios e televisão.

Em muitos casos, os testemunhos dizem que a aflição não resulta do desígnio direto de uma entidade sagrada, mas da ação maléfica de outros. A ação de outras pessoas pode envolver a manipulação de recursos sobrenaturais (com ou sem auxílio de um especialista religioso), o feitiço, ou simplesmente ser resultado de olho grosso, a capacidade que têm certas pessoas de passar influências negativas através do olhar. Embora, no caso do feitiço, ocorra a intervenção de entidades ou poderes sagrados, esta é colocada a serviço da intenção de um ser humano de fazer mal a outrem.

Como o mostrou Yvonne Maggie em *Medo do Feitiço* (1992), a República promulgou leis contra as práticas mágicas e a medicina paralela. Esta legislação é extremamente ambígua porque se permitissem a perseguição das práticas, aprovavam indiretamente a sua eficácia: as leis não perseguiram todas as práticas mágicas e espíritas, mas unicamente as utilizadas para enganar ou fazer o mal. A autor conclui que

⁴ “Quand on écrira l’histoire de la science des religions et de l’ethnographie, on será étonné du rôle indu et fortuit qu’une notion du genre de celle de fétiche a joué dans les travaux théoriques et descriptifs. Elle ne correspond qu’à un immense malentendu entre deux civilisations, l’africaine et l’européenne; elle n’a d’autre fondement qu’une aveugle obéissance à l’usage colonial, aux langues franques parlées par les Européens, à la culture occidentale”, *L’Année Sociologique* (1907).

⁵ Michèle Tobia-Chadeisson (2000). *Le fétiche africain. Chronique d’un “malentendu”*. Paris: L’Harmattan, p. 65.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

a discussão era construída sobre uma crença comum: sobre a existência e sobre o medo do feitiço. A religião dos vencidos, ou dos grupos estruturalmente inferiores no interior de uma sociedade, é sempre reduzida à magia, feitiçaria e superstição. Isso aconteceu com os africanos transportados para o Brasil como escravos e persistiu no período pós-abolicionista em relação aos negros livres. Com efeito, uma das acusações mais freqüentes aos terreiros de Candomblé durante a Primeira República era a prática de feitiçaria.

Nina Rodrigues também já ressaltava a penetração do fenômeno da feitiçaria na sociedade baiana sublinha que:

[...] pode-se afirmar que na Bahia todas as classes, mesmo a dita superior, estão aptas a se tornarem negras. O numero dos brancos, mulatos e indivíduos de todas as cores e matizes que vão consultar os negros feiticeiros nas suas aflições, na suas desgraças, dos que crêem publicamente no poder sobnatural dos talismans e feitiços, das que, em muito maior numero, zombam delles em publico, mas occultamente os ouvem, os consultam, esse numero seria incalculável si não fosse mais simple dizer de um modo geral que é a população em massa... (RODRIGUES, 2006, p. 116)⁶

Nos anos 1970, a Umbanda que foi considerada como a religião brasileira por excelência porque agrupava concepções religiosas próprias ao catolicismo, espiritismo e ao florilégio das religiões de matriz africana será o alvo privilegiado dos ataques da nova Igreja Universal do Reino de Deus (EURD) criada em 1977 por Edir Macedo. Forte da sua experiência de adepto da Umbanda e fiel da igreja pentecostal Nova Vida que já praticava sessões de exorcismo nos seus templos, o fundador desta igreja investirá fortemente na diabolização e no combate contra a feitiçaria que ele diz presente nas religiões de matriz africana

Atualmente, quando se assiste aos programas radiofônicos ou televisuais das igrejas neopentecostais, estamos frequentemente convidados aos cultos: “dia da descarrego”; “meia-noite do descarrego”; “noite de quebra de feitiço”, “dia do óleo santo de Israel”; “culto da Sexta-feira 13”; “Sexta-feira forte, desencapetamento total” ou ainda “vem receber o teu xampu consagrado”. Não é raro que pastores que apresentam tais programas, quando ouvintes se referem as razões das suas desgraças,

⁶ *O Animismo Fetichista dos Negros Bahianos* foi publicado originalmente na Revista Brasileira em 1896 e 1897 (tomo VI e VII) em 6 partes nos números do 15 abril, 1 maio, 15 junho, 1 e 15 julho, 1 agosto e 15 setembro, mais tarde acrescido do tomo IX - Ilusões da catequese no Brasil.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

respondem sem hesitar: “Foi feitiço, uma bruxaria, um trabalho, uma feitiçaria que alguém fez contra você! Comparece a nossa igreja... ”.

Estabelece-se já no primeiro contato uma relação com feitiçaria, feitiço e bruxaria. Antes de tudo, estar na igreja é uma garantia de proteção contra as forças malignas. Nas igrejas neopentecostais, pastores falam com insistência de bruxarias, feitiços, magias e demônios, e os testemunhos dos fiéis que foram libertos faz também referência. Referindo-se aos símbolos que se atribui geralmente a magia, estas igrejas contribuem para a solidificação de princípios que paradoxalmente é os de religiões que combatem. Exploram os exorcismos e os testemunhos de fiéis que querem se livrar “de bruxarias, trabalhos e feitiçarias”.

Como o sublinha Paulo Bonfatti, para Igreja Universal não existe médio termo: o mundo é dividido entre pessoas "libertas" e "não libertas", e são estes últimos que sofrem a constante ação do diabo. É o diabo e as suas legiões a causa dos males. Contudo, a causa é sempre homogênea: a possessão por “encostos”. Um amplo significando que engloba uma fonte mística eminentemente afro-brasileira (“Exù da morte”, “Maria Padilha”, os orixás, etc.) e que invadiria a vida das pessoas através de uma multidão “de trabalhos” ou “bruxarias” como, por exemplo: “objeto íntimo no refrigerador”, “trabalho com vinho espumante ou pipoca”, “vela vermelha“, etc. Há basicamente duas possibilidades que causa todos os males: ou a pessoa teve alguns tipos de contato com as religiões afro-brasileiras ou alguém fez uma bruxaria.

Intolerância

A “guerra santa” movida por igrejas neopentecostais de missão contra as religiões de matriz africana tem tido uma propagação extraordinária em todo o Brasil e é cada vez mais acirrada na Bahia. O povo-de-santo tem uma clara percepção de que a violência crescente é uma doença terrível do coletivo; comparte os riscos e danos de sua infrene propagação.

As redes de solidariedade que se entrecem nos terreiros são um fator de coesão muito poderoso. Como se sabe, o tecido social se esgarça quando organizações populares desse tipo são ameaçadas. Elas são um obstáculo ao domínio da violência.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Uma prova dolorosa disso já foi dada no Rio de Janeiro, onde bandos de criminosos têm-se empenhado em expulsar candomblés dos territórios que dominam, na Baixada Fluminense.⁷ Entre novembro de 2009 e junho de 2010, deram-se em Salvador sete ataques de narcotraficantes a terreiros, segundo registro feito da Associação pela Preservação da Cultura Afro Ameríndia (AFA). No contexto, aconteceram três homicídios e um terreiro foi totalmente demolido pelos criminosos. Um pai-de-santo ameaçado teve de refugiar-se no interior do Estado e até hoje não pôde retornar a Salvador. Em setembro de 2009, jornalistas registraram que adeptos da religião dos orixás residentes no bairro de Tancredo Neves estavam sendo perseguidos por bandidos que exigiam a retirada de todos os terreiros da área. Em abril de 2010, os membros de um Ilê Axé de outro bairro receberam ultimato de narcotraficantes: deveriam abandonar o terreiro até às 18 horas do dia do aviso, caso não quisessem morrer no incêndio de suas casas. Outros candomblecistas da localidade foram expulsos poucos dias depois: são agora mais de sessenta nesta situação⁸.

A intolerância religiosa já se tornou um grave problema de saúde pública nesta terra. O povo-de-santo é duplamente atingido nesse processo. A intolerância religiosa afeta os fiéis do candomblé ao infligir-lhes vexames (agressões e calúnias) que geralmente ficam impunes; por outro lado, produz um cerceamento de seus direitos, quando leva profissionais a marginalizá-los e mesmo a excluí-los da prestação de serviços públicos a que fazem jus. Os agentes de saúde do aparelho de estado que aderiram às novas igrejas fundamentalistas sentem verdadeira repulsa pelos candomblés, que consideram “casas do diabo”. Ódio e temor juntam-se em sua atitude para com o povo-de-santo e os levam a excluí-lo de seu cuidado, do horizonte de sua prática profissional. Na intolerância há gradações, como mostra um depoimento de uma filha-de-santo que descreveu a maneira como agentes endêmicos chegaram e se comportaram no terreiro. Eles tiveram uma postura de completo desrespeito pelas regras que regem aquele espaço. Eles foram pouco cordiais com o babalorixá; acessaram sem nenhuma permissão áreas sagradas do terreiro, mexeram em objetos de valor sagrado

⁷ *Jornal Extra*, 15 de março de 2008. *Fala Egbé* (Informativo do Projeto Egbé / Koinonia) agosto de 2008.

⁸ Dados do projeto Lorogum que trata da violência contra terreiros na Bahia.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

para aquela comunidade e colocaram serragem em lugares em que haveria água. Ela mesma disse que estes assentamentos têm ligação direta com o equilíbrio das pessoas aos quais eles foram relacionados e que ela mesma sofreu de enormes dores de cabeça, sem saber a razão, até que descobriu que um dos objetos revirados era o objeto de ligação direta com ela. Este relato mostra como o ato de tentar preservar a saúde da população sem conhecer as particularidades e diferenças nela presentes pode ter efeito contrário ao desejado. Também durante o 1º Seminário de Religiões de Matriz Africana e Saúde nos dias 14 e 15 de setembro de 2007, uma pessoa ligada ao candomblé testemunhou que teve de ouvir que *“a infecção hospitalar é responsabilidade das religiões de matriz africana”*.

Os preconceitos e atos discriminantes para com as religiões de matriz africana que perpassam os órgãos públicos também se encontram nos sistemas de ensino quando, por exemplo O Ministério Público Estadual (MP-BA) notificou a Secretaria da Educação de Camaçari, na Região Metropolitana de Salvador (RMS), sobre as denúncias de intolerância religiosa contra a Escola Municipal Zumbi dos Palmares. A instituição de ensino infantil é a primeira experiência gerada pelo convênio entre prefeitura e um terreiro de candomblé. De acordo com o Tatá de Inquices Ricardo Tavares, idealizador do projeto, um grupo de evangélicos, liderados por Arailton Rodrigues, se reuniu em frente ao educandário, no dia da inauguração, com faixas e bíblias para pedir o fechamento da instituição. *“Os interesses raivosos de um pequeno grupo estão tentando acabar com a felicidade de toda a comunidade. Eles visitam as casas dos alunos para convencer os pais a tirá-los da escola. Chegam a dizer que os praticantes do candomblé fazem sacrifício de crianças e que logo elas começarão a sumir”*, denuncia.

Por outro lado, as alterações na rua entre evangélicos e adeptos dos cultos afro-brasileiros se tornaram comum. Quantas vezes ouvimos depoimentos como aquele de Evandro de Logum, de um terreiro em São Gonçalo do Retiro chamou a atenção para a necessidade das pessoas viverem em paz sem desrespeitar o espaço e as manifestações alheias: *“Eles me provocaram dizendo que serviam a Jesus e eu servia ao diabo. No entanto sirvo ao mesmo Jesus deles. A diferença é que nós também cremos nos orixás. Quando eles passam com a Bíblia debaixo do braço não fazemos nenhuma crítica, por*



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

isso pedimos que quando nós passarmos com nossas contas eles também nos respeitem”.

Põe-se então aos habitantes do Salvador a coexistência às vezes difícil com as igrejas evangélicas e “os crentes” que têm o deplorável hábito de querer implantar-se mais perto dos terreiros como se constata em vários bairros de Salvador. Precisa de muita auto-estima para responder as varias formas de desrespeito as quais devem se defrontar os candomblecistas frente à ousadia dos neopentecostais. O depoimento a seguir de uma ekede de um terreiro no Engenho Velho de Brotas em Salvador que tem que conviver há 15 anos com uma IURD que veio se implantar ao lado mostra a que ponto chega pode chegar o desrespeito.

“Um dia de manhã, depois de zelar os orixás, quando cheguei ao beco onde fica a entrada do terreiro, vi que eles jogaram sal grosso, continuei subindo e tinha certeza que foram eles. Destranquei o portão, tinha eles fazendo o culto deles. Ai fui entrando na igreja, parecendo um filme de terror, o diabo entrando e eles com surpresa. Falei: cadê o Pasteur, ele continuando pregando. Cheguei junto dele e bati na mesa e diz: vim saber se é você o pastor dessa , diz um palavrão (que ela não pude me dizer, pois ela estava me contando dentro do barracão), que esta ficando irresponsável por fazer invasão de domicilio, pois isso aqui do lado não pertence a vocês, respeitem é bom e todo mundo gosta, aqui não é qualquer casa, vocês chegaram e já encontraram, eu quero respeito , eu exigiu. Vou dar 5 minutos para estar tudo limpo, tudo varrido, tudo no ponto, pois se não tiver, quem vai entrar aqui jogar farofa de aceite, cachaça, sou eu, pois aí vão conhecer o verdadeiro demônio que vocês tanto chamam. Diz assim para ele. E tudo mundo agora, vamos levantam, levantam aí essa bunda toda. Minha cunhada se embolava de rir, eu dizendo: varri aqui, limpa aqui, eu quero tudo lavado, tudo agora. Depois disso, nunca mais. Hoje, as meninas passam tipicamente vestidas e as pessoas não dizem nada. Não queremos mais tolerância, nós queremos respeito.”

Considerações finais



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Podemos sentir que é considerável o impacto da nova investida contra os ritos afro-brasileiros, promovida com virulência e com recursos muito poderosos por empresas eclesiais que têm o controle de meios de comunicação de massa e sabem muito bem empregá-los. Seus pastores promovem a incriminação do candomblé, da capoeira, das tradições negras — e logram sucesso inegável em induzir a auto-rejeição de homens e mulheres pobres, humilhados por preconceitos incidentes sobre sua condição de cor, de classe, de origem; fazem-no com uma pregação enfática baseada no convite a abandonar, em troca de sucesso, uma identidade sentida como deteriorada. Desse modo, levam muitos a se dessolidarizar dos mais próximos — e principalmente dos mais envolvidos com os códigos da negritude assim rejeitada.

O mal tem uma multidão de formas. O medo dos outros ou o temor de ser diferente torna-se intolerância. Um imperialismo social da identidade tende a se instaurar e seria o reino da tautologia: sobre o modo de não poder se aceitar diferente, cada cristão suportaria apenas a sua própria imagem da verdade, de modo que todos devam dizer ou ser a mesma coisa. Portanto, todos os meios são bons. O diálogo com o descrente permitiria reabsorver oposições sob o verbalismo de bons sentimentos comuns e fórmulas anódinas. Uma teoria do implícito fornecerá também a garantia muito superficial que tem dos outros nada apenas o que já se sabia.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Referências

ALMEIDA, Ronaldo de. “A Guerra das Possessões”, in A. P. Oro; A. Corten & J. P. Dozon. Igreja Universal do Reino de Deus. Os Novos Conquistadores da Fé. São Paulo, Paulinas, 2003, pp. 321-42.

BIRMAN, Patrícia. Feitiçarias, territórios e resistências marginais. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, Oct. 2009. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132009000200001&lng=pt&nrm=iso. acesso em 31 maio 2011

BRAGA, Julio. *Na Gamela do Feitiço: Repressão e Resistencia nos Candomblés da Bahia*. Salvador, Bahia : EDUFBA, 1995.

Jornal Extra, 15 de março de 2008. *Fala Egbé* (Informativo do Projeto Egbé / Koinonia) agosto de 2008

LÜHNING, Ângela. “Acabe com esse santo, Pedrito vem aí...” Mito e realidade da perseguição ao candomblé baiano entre 1920 a 1942. *Revista USP*. n. 28. p. 194-220. 1995-1996. Disponível em: <http://www.usp.br/revistausp/28/14-angela.pdf>

MARIZ, Cecília L. A Teologia da Guerra Espiritual: Uma revisão da bibliografia. Disponível em: <http://www.naya.org.ar/congresos/contenido/religion/18.htm>

ORO, Ari P. O neopentecostalismo macumbeiro. *Revista USP*, São Paulo, v. 68, p. 319-332, 2006. Disponível em: <http://www.usp.br/revistausp/68/27-ari-oro.pdf>

RODRIGUES, Nina R. *O Animismo Fetichista dos Negros Baianos*. Apresentação e notas Ivonne Maggie, Peter Fry. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional / Editora UFRJ, 2006.

TOBIA-CHADEISSON, Michèle. *Le fétiche africain. Chronique d'un “malentendu”*. Paris: L'Harmattan, 2000.